

O CIBERESPAÇO VERSUS A BUSCA POR UMA POSTURA FENOMENOLÓGICA EM ARQUITETURA E URBANISMO

Gabriel Alvariz Lopes¹

Resumo

Este artigo discute a dialética da busca por uma postura fenomenológica em arquitetura e urbanismo na era da cibercultura e do ciberespaço, onde as noções de espaço e de tempo se dissolvem. São trazidos da filosofia e da teoria da arquitetura e urbanismo os conceitos fundamentais sobre os temas envolvidos com o objetivo de, então, despertar um olhar investigativo acerca dos efeitos do ciberespaço sobre as relações do indivíduo com a arquitetura e com a cidade, bem como compreender as potencialidades e limitações de uma arquitetura multissensorial no contexto de uma sociedade cada vez mais atrelada ao mundo virtual.

Palavras-chave: fenomenologia, arquitetura e urbanismo, ciberespaço.

Abstract

This paper addresses the dialectic of the craving for a phenomenological approach to architecture and urbanism in the age of cyberculture and cyberspace, where the notions of space and time dissolve. Basic definitions of the topics involved in this subject are presented, coming from both philosophy and architectural theory, with the objective of instigating an investigative look at the effects of cyberspace on the relation between individual and space, as well as comprehending the potentialities and limitations of a multisensory architecture in the context of an ever-increasing connection of society to the virtual world.

Keywords: phenomenology, architecture and urbanism, cyberspace.

Introdução

A fenomenologia, corrente filosófica fundada por Edmund Husserl (1859-1938), buscava, desde a primeira metade século passado, resgatar o papel da percepção na construção do conhecimento científico, propondo uma investigação pura dos fenômenos, ou seja, baseada no contato direto com o objeto, anterior à interferência de conceitos e saberes. Embora, como destaca Dartigues (1992), o vocábulo “fenomenologia” tenha sido usado anteriormente em obras de outros pensadores – como Johann Heinrich Lambert (1728-1777), Immanuel Kant (1724-1804) e Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831) –, foi a partir do pensamento de Husserl que o termo passou a se consolidar como uma linha de pensamento filosófico, ganhando o significado pelo qual a fenomenologia é conhecida ainda hoje.

Bello (2006), em uma análise etimológica da palavra fenomenologia - que de antemão esclarece muito sobre o significado da filosofia de Husserl –, afirma que esse vocábulo deriva de outras duas palavras, ambas de origem grega. “‘Fenômeno’ significa aquilo que se mostra; não somente aquilo que aparece ou parece. [...] ‘Logia’ deriva da palavra ‘logos’, que para os gregos tinha muitos significados: palavra, pensamento. [...]” (p.17-8). Desse modo, compreende-se que a fenomenologia trata de uma busca pelo sentido dos fenômenos, que podem ser físicos ou abstratos; um modo de ver o mundo através de sua essência, isto é, buscando compreender o seu significado antes da influência de conceitos, saberes prévios e reflexões racionais; valorizando o contato primeiro do indivíduo para com o fenômeno através da percepção e do corpo, por meio dos sentidos.

De acordo com Bello (2006), a fenomenologia surgiu como oposição aos ideais positivistas vigentes à época, contrapondo-se a uma concepção de existência enquanto mero objeto científico, já que, segundo Merleau-Ponty (1999, p.03), “a ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele.”. Merleau-Ponty (1999) também diz que:

Retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem — primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho. (p.04).

Com efeito, o papel da cognição e da percepção na relação do indivíduo com o mundo e na construção do conhecimento foi tópico de diversas teorias ao longo da história da filosofia, nas quais se inclui a corrente fenomenológica do século XX – colocada aqui em evidência por ter sido promotora de reflexões cujos desdobramentos são ainda hoje palpantes. Esses desdobramentos são encontrados em pensadores influenciados por Edmund Husserl - como Martin Heidegger (1889-1976) e Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) - e também em áreas do conhecimento mais específicas, como a arquitetura e o urbanismo, a psicologia, a pedagogia etc.

Em arquitetura e urbanismo, a fenomenologia vem sendo amplamente utilizada, desde meados do século XX, como suporte teórico na busca por espaços que dialoguem com as qualidades sensoriais e existenciais que estão no cerne das discussões arquitetônicas mais primitivas. Para isso, defensores dessa corrente de pensamento apontam na direção de uma arquitetura multissensorial cujos meios e fins extrapolam o pensamento puramente pragmático e a mera satisfação visual. Arquitetos e teóricos como Peter Zumthor, Juhani Pallasmaa e Steven Holl – nomes associados a obras

¹ Possui curso técnico em Edificações pelo Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (2015). Atualmente é acadêmico do curso superior em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas e participa do Grupo de Estudos para o Ensino/Aprendizagem de Gráfica Digital (GEGRADI). E-mail: gabriel-lobes@live.com

com grande relevância na arquitetura contemporânea - são alguns dos expoentes da vertente de pensamento fenomenológico na disciplina atualmente.

Entretanto, na contracorrente dessa busca por uma valorização dos sentidos, a estrutura social da atualidade – bem elucidada por Harvey (2008) no célebre “Condição pós-moderna”, publicado originalmente em 1989 – apresenta entre suas características o que se pode interpretar como obstáculos para uma relação mais corpórea e sensorial do indivíduo com o mundo, e conseqüentemente com a arquitetura e com a cidade. Destacam-se entre essas características a especialização e difusão das mídias, mais especificamente o surgimento do ciberespaço e da cibercultura, uma vez que a desterritorialização e o desprendimento da mente em relação ao corpo parecem ser propriedades inerentes ao mundo virtual, discutidas até mesmo por filósofos considerados otimistas e/ou entusiastas do ciberespaço.

Este artigo revisita os pensamentos e conceitos fundamentais sobre os temas envolvidos nessa dialética – o paradigma da fenomenologia em arquitetura e urbanismo, o mundo virtual e o ciberespaço –, visando promover reflexões sobre as potencialidades e limitações de uma arquitetura sensível e sensual em tempos de relações humanas cibernéticas, bem como despertar um olhar investigativo acerca dos possíveis efeitos do mundo virtual nas relações do indivíduo com os espaços físicos e na prática e ensino da arquitetura. Busca-se aqui transcender, entretanto, uma crítica simplista e alarmista, de tom reacionário, em relação ao ciberespaço, pois se entende que este tenha, além de eventuais efeitos negativos na sociedade e no indivíduo, suas potencialidades próprias em termos de comunicação, de linguagem e de cultura, e até mesmo suas próprias formas de arte, como sugere Lévy (1999).

A fenomenologia da arquitetura

Embora não possua talvez solidez suficiente para ser considerada uma escola ou movimento arquitetônico, a fenomenologia da arquitetura exerce uma importante influência no pensamento arquitetônico contemporâneo (SCARSO, 2016), estando o seu surgimento atrelado a uma crítica ao modernismo que ganhou força entre o final dos anos 1950 e o começo dos anos 1960. Segundo aqueles que fundamentaram sua oposição ao movimento moderno essencialmente no pensamento fenomenológico, o discurso e a produção urbana e arquitetônica dos modernistas assumira um ocularcentrismo, um funcionalismo exacerbado e um distanciamento em relação às qualidades e potencialidades sensoriais e existenciais da arquitetura. Dessa forma, os arquitetos e teóricos defensores de uma postura fenomenológica compartilham a ideia de que a arquitetura deve pautar-se essencialmente na experiência do corpo e na vivência do lugar através de todos os sentidos, voltando-se então para uma maior atenção às questões de materialidade, efeitos de luz e sombra, sons e cheiros etc.

Apesar de ter integrado um vasto movimento de críticas ao modernismo, é interessante salientar que a arquitetura fenomenológica se distanciou firme e simultaneamente tanto do moderno quanto do pós-moderno, devido ao enfoque historicista deste na ornamentação e em simbolismos figurativos, com conseqüente reiteração de uma conduta ocularcêntrica. Seamson (2012) destaca que, já no final da década de 1980, a primeira fase da corrente fenomenológica teve suas estruturas abaladas pelas novas perspectivas do desconstrutivismo, do pós-estruturalismo, do feminismo etc., mas defende que a influência dessas novas perspectivas críticas, ao invés de dar cabo do pensamento fenomenológico, fez alargar o espectro do seu entendimento acerca da experiência humana. Por exemplo, sua tradicional ênfase em questões como o habitar, o lar, os lugares físicos e estáticos vem sendo complementada por questões como as periferias, a mobilidade, o deslocar-se, o dinamismo do lugar, os espaços virtuais etc.

É interessante pensar que, apesar de nunca ter chegado a tomar a forma de um movimento arquitetônico, o pensamento fenomenológico continua atual e pulsante no contexto da arquitetura contemporânea (como demonstram as obras de Steven Holl, Peter Zumthor etc.), enquanto movimentos mais consolidados, como o pós-modernismo, tiveram um auge identificável e uma potência que em algum momento tornou-se inexpressiva. Uma possível explicação para isso talvez resida nas palavras de Jacquet (2012):

I would rather claim that a phenomenological approach is compatible with many other theoretical, intellectual, historical, and social traditions. The writings of Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Bachelard, Derrida, and Ricoeur have inspired architectural students for more than half a century, but phenomenology has never been the only way of thinking used by architects. (p.09).²

Portanto, a vitalidade do pensamento fenomenológico na arquitetura ainda hoje talvez resida no fato de que as suas proposições e reflexões críticas, que tiveram como primeiro alvo a arquitetura e em especial o urbanismo modernos, na realidade têm origens mais remotas e que continuam aplicáveis à arquitetura atual, revelando um caráter de certa forma transcendental dessa corrente de pensamento. Para entender o que a fenomenologia representa na arquitetura hoje, avaliemos mais especificamente o cerne das reflexões que ela abarca, bem como os antídotos que propõe contra uma arquitetura indiferente às propriedades sensoriais e existenciais que, segundo os pensadores de linha fenomenológica, são a própria essência e razão de ser da disciplina.

Como nos mostra Sennett (2003), a relação dos indivíduos para com o corpo (incluindo questões como a relação com os mortos, com a sexualidade e etc.), em uma sociedade e em uma época específicas, está vinculada à organização do espaço desde os primórdios da história das cidades. Ao longo do instigante “Carne e Pedra”, o historiador seleciona algumas cidades em momentos distintos da História e expõe de que forma eventos de significância expressiva (guerras ou revoluções, grandes descobertas científicas, a propagação de novas doenças ou a publicação de uma obra relevante) assinalaram “significativamente as relações entre as experiências corporais e os espaços em que as pessoas viviam” (SENNETT, 2003, p.20).

Partindo dessa ideia, Sennett (2003) propõe que a privação sensorial a que estamos sujeitos desde a modernidade – momento em que ideias higienistas e setorizadoras, vinculadas a lugares apassivadores e monótonos ganharam força – está intimamente atrelada a outras características da época. Em primeiro lugar, essa supressão dos sentidos estaria ligada a um “medo do contato”, que pode ser mais bem entendido através da reflexão proposta por Chauí (2010) de que a repressão do desejo, incluindo o desejo sexual, foi um mecanismo necessário ao sistema capitalista, pelo menos durante boa parte do século XX, para garantir que a energia dos indivíduos fosse exclusivamente dirigida para o trabalho, promovendo certa robotização do corpo e culpabilização do prazer. Em segundo lugar, também se pode associar a privação sensorial a uma revolução tecnológica concomitante cujos meios (o cinema, a televisão, as formas de locomoção cada vez mais velozes etc.) são vertentes de insensibilização e alienação da vida real. É através do cinema e da televisão, por exemplo, que o consumo de

² “Eu preferiria afirmar que uma abordagem fenomenológica é compatível com muitas outras tradições teóricas, intelectuais, históricas e sociais. Os escritos de Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Bachelard, Derrida e Ricoeur inspiraram estudantes de arquitetura por mais de meio século, mas a fenomenologia nunca foi a única forma de pensamento utilizada pelos arquitetos.” (p.09) [Tradução do autor deste].

falsas experiências de violência, de dor, de sexo etc. anestesia a consciência do corpo. Sennett (2003) se refere também aos efeitos das novas experiências de velocidade, que muito claramente pautaram o pensamento urbanístico e o planejamento das cidades desde Le Corbusier, e diz que:

Hoje em dia, viaja-se com uma rapidez que nossos ancestrais sequer poderiam conceber. A tecnologia da locomoção – dos automóveis às grandes rodovias – permitiu que as pessoas se deslocassem para áreas além da periferia. O espaço tornou-se um lugar de passagem, medido pela facilidade com que dirigimos através dele ou nos afastamos dele. A visão que o motorista ao volante descortina à sua frente é a de um lugar escravizado às regras de locomoção e neutralizado por elas: basta um mínimo de reações pessoais para dirigir bem e com segurança; sinais padronizados, linhas que demarquem as pistas, bueiros, além de ruas vazias de pedestres. Transformado em um simples corredor, o espaço urbano perde qualquer atrativo para o motorista, que só deseja atravessá-lo. (p.17-8).

Essa revolução tecnológica e midiática atua também como catalisadora de um processo de supervalorização da visão em detrimento dos outros sentidos, paradigma discutido pelo arquiteto e teórico finlandês Juhani Pallasmaa no célebre “Os Olhos da Pele: A arquitetura e os sentidos”. Nessa obra, Pallasmaa (2011) defende que a supervalorização do sentido da visão na arquitetura estaria levando à supressão de sua natureza sensual e tátil e tolhendo o profundo significado da arquitetura nas questões existenciais do ser humano, que permeiam assuntos como o espaço e o tempo, interioridade e exterioridade, tempo e duração, vida e morte etc. Para Pallasmaa (2011), a arquitetura “domestica o espaço ilimitado e o tempo infinito, tornando-o tolerável, habitável e compreensível para a humanidade” (p.17). As edificações e a cidade mediam as relações humanas, revelam uma idade e uma história, nos inserem em um *continuum* temporal que ultrapassa nossas vidas individuais e nos permitem, através da fusão entre matéria, espaço e tempo, “uma experiência elementar e singular: a sensação de existir” (Ibidem, p. 49).

Entretanto, para exercer esse papel, a arquitetura, no entendimento de Pallasmaa (2011), precisa acolher, aproximar e atender às necessidades mais primitivas do ser humano, deixando de lado uma hierarquia entre os sentidos (na qual a visão estaria no topo) e entendendo a cognição e a percepção enquanto atividades em que todas as modalidades sensoriais atuam conjunta e simultaneamente. O autor faz uma crítica contundente a uma ideia de visão objetiva, focada, que distancia o observador do objeto e está vinculada a uma arquitetura meramente contemplativa, que se baseia na autoexpressão do arquiteto - comum na produção arquitetônica atual. Uma visão tátil e vinculada aos outros sentidos, defendida por Pallasmaa (2011), é aquela que prima pelos estímulos periféricos e não focados (como ocorre em um passeio pela floresta ou por uma cidade medieval), que se dá na escala humana, que induz ao toque e que aproxima o indivíduo do espaço, ao invés de incentivar o seu afastamento.

O ocularcentrismo da arquitetura e da arte hodiernas, segundo Pallasmaa (2011), difere-se daquele que pode ser percebido em épocas passadas, pois tem sido reforçado por um bombardeio de imagens produzidas em massa e manipuladas, e por tecnologias de informação cada vez mais velozes que, em sua simultaneidade, suprimem o tempo e o espaço – percebe-se, nesse aspecto, uma forte influência do conceito de “compressão do espaço-tempo” de Harvey (2008), a ser aqui discutido posteriormente. Desse modo, a perda de qualidade na produção de espaços, em termos sensoriais, não estaria vinculada exclusivamente a uma predileção pela visão –

que é percebida em obras bastante remotas, como os templos da Grécia Antiga –, mas pode ser atribuída sobretudo a um isolamento desse sentido e desconexão com os demais, em uma postura redutivista percebida, por exemplo, no urbanismo moderno.

Para se produzir espaços sensíveis a essas demandas e condizentes com as funções mais elementares da arquitetura, faz-se necessário compreender o papel de cada sentido nos processos de cognição e percepção e, mais que isso, assimilar como todos os sentidos se inter-relacionam e agem em conjunto. Assim, Pallasmaa (2011) esmiúça sua análise em reflexões mais específicas sobre as características de uma arquitetura multissensorial por ele proposta, como a *importância das sombras* – segundo ele, as cidades antigas que alternam penumbra e luz são mais atrativas do que as cidades atuais, com iluminação intensa e homogênea; a *importância do som* – que “mede o espaço e torna sua escala compreensível” (p. 48) e nos permite sensações como intimidade/monumentalidade, hospitalidade/hostilidade; e a *qualidade aromática de um espaço* – que se configura muitas vezes como a memória mais marcante e própria de um lugar.

Pallasmaa (2011) aponta para a sistematização da representação em perspectiva cônica, na Renascença, como um marco de grande intensificação do privilégio da visão na cognição, uma vez que, embora a cultura ocidental tenha sido centrada nos olhos desde os gregos antigos, a “representação em perspectiva em si própria se tornou uma forma simbólica, que não apenas descreve, mas também condiciona a percepção.” (p.16). Nesse sentido, para Harvey (2008), a sistematização do conhecimento sobre a perspectiva teve influência não só nas práticas artísticas e arquitetônicas, como também na política e na economia, graças às possibilidades de apropriação do território que os novos mapas, mais precisos, possibilitaram. Nas palavras de Harvey (2008):

A ligação entre o individualismo e o perspectivismo é relevante; ela forneceu o fundamento material eficaz aos princípios cartesianos de racionalidade que foram integrados ao projeto do Iluminismo. Ela assinalou uma ruptura na prática artística e arquitetônica, tendo substituído as tradições artesanais e nacionais pela atividade intelectual e pela “aura” do artista, do cientista ou do empreendedor como indivíduo criativo. [...]

A objetividade na representação espacial veio a ser um atributo valorizado porque a precisão da navegação, a determinação dos direitos de propriedade da terra (em oposição ao confuso sistema de direitos e obrigações legais que caracterizava o feudalismo), as fronteiras políticas, os direitos de passagem e de transporte etc. passaram a ser um imperativo econômico e político.” (p.223).

Para Pérez-Gómez (1984), a hegemonia do pensamento lógico e a obsessão por aspectos formais que norteiam a prática e a teoria arquitetônicas atualmente remontam também ao encontro da arquitetura com a matemática da forma que ocorreu já na Idade Moderna, em especial por volta de 1800, com o surgimento das geometrias não-Euclidianas. Esse desenvolvimento teria promovido a passagem de uma visão mágica e cosmológica da matemática para uma mais mecanizada, metodológica, regrada e funcional, colocando a “verdade” (definida por leis científicas) acima da “realidade” (considerada ambígua e pouco confiável). A influência dessa transição sobre a arquitetura pode ser percebida desde então na obsessão matemática de arquitetos e urbanistas, que os afasta das reflexões que a fenomenologia busca resgatar, colocando em choque a invariância e a precisão inerentes aos métodos matemáticos com um conceito de arquitetura enquanto arte, e não ciência exata.

Entre os arquitetos e teóricos de linha fenomenológica, críticos da hegemonia da

visão e da redução da arquitetura a regras formais, percebe-se mais recentemente como um ponto em comum a problematização das novas tecnologias de informação e comunicação (cuja difusão se dá tanto no âmbito das relações sociais quanto no das práticas projetuais arquitetônicas) enquanto promotoras de um processo de dessensibilização do indivíduo e de virtualização das relações humanas, incorporando à visão fenomenológica da arquitetura pensamentos como os de Baudrillard (1991) e Harvey (2008).

Para além os efeitos das mídias mais “tradicionais” sobre a relação do indivíduo com o mundo físico e, conseqüentemente, sobre a teoria e produção arquitetônicas, há ainda muito que discutir sobre as transformações na arquitetura – em termos de ensino, prática, crítica e na própria definição de suas funções essenciais e de suas potencialidades – após o surgimento e a consolidação da internet e da cibercultura. As novas modalidades midiáticas do ciberespaço elevaram a outro patamar o paradigma centrado na visão e seus efeitos anestésicos sobre o corpo, através de um fluxo ainda mais acelerado de informação e de uma utilização mais imersiva e cada vez mais frequente na vida cotidiana, o que coloca a fenomenologia da arquitetura diante de novos desafios.

O ciberespaço e a percepção de tempo e lugar no mundo virtual

O pensamento de Sennett (2003) citado anteriormente de que as experiências simuladas ofertadas pelas mídias anestesiaram a consciência do corpo remete às ideias de Jean Baudrillard expostas em “Simulacros e Simulação”. Nessa obra, Baudrillard (1991) atenta para uma simulação da realidade produzida pela informação que, atualmente, circula nas mídias de massa de forma praticamente instantânea, através de seus veículos cada vez mais tecnológicos. Esse simulacro produzido pela informação não representa, segundo o autor, a realidade, mas sim a destrói; não produz sentido, ao contrário do que se poderia supor, e nem incentiva a socialização. É a criação do que Baudrillard denomina “hiper-realidade”, um universo de imagens e signos que interpretamos como mais reais do que a própria realidade. Ironicamente, essa temática vem sendo abordada em uma vasta coletânea de obras cinematográficas – pertencentes elas mesmas, portanto, ao universo hiper-real –, como o longa-metragem *The Truman Show* (1998), a trilogia *Matrix* (1999) e, mais recentemente, a série *Black Mirror* (2011), produzida para a internet.

Lévy (2011), afastando-se da visão de Jean Baudrillard, a qual considera “catastrófica”, explora a questão do mundo virtual sob uma perspectiva mais otimista, discutindo suas potencialidades em relação a novas formas de comunicação e de manifestações artísticas e culturais, definindo a virtualização como “nem boa, nem má, nem neutra” (p.12), negando o “virtual” enquanto oposto do “real” e definindo-o como “o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização.” (Ibidem, p.16). A título de exemplificação, o autor diz que a árvore está virtualmente presente na semente, ou seja, a entidade trás em si as suas próprias virtualidades.

Dessa forma, entende-se que o conceito de “virtualização” é muito amplo e pode ser relacionado com diversos processos, que vão desde as mais primitivas formas de comunicação (como a própria escrita) até o desenvolvimento de tecnologias mais recentes (como o rádio e a televisão). No contexto das mídias de informação, a popularização da internet abriu novos horizontes com o que hoje chamamos de ciberespaço. Lévy (1999) afirma que o termo “ciberespaço” surgiu em 1984 no romance “*Neuromancer*”, de William Gibson, e era utilizado para designar um universo de redes digitais, palco de conflitos de escala mundial, configurando uma nova fronteira

econômica e cultural. Esse termo seria imediatamente adotado pelos usuários e criadores de redes digitais. Em sua definição própria, Lévy (1999) diz que o ciberespaço é “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.” (p.92). Mais além, em “O que é o virtual?”, Lévy (2011) afirma:

O computador não é um centro mas um pedaço, um fragmento da trama, um componente incompleto da rede calculadora universal. Suas funções pulverizadas impregnam cada elemento do tecnocosmo. No limite, só há hoje um único computador, um único suporte para texto, mas tornou-se impossível traçar seus limites, fixar seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em nenhuma, um computador hipertextual, disperso, vivo, pululante, inacabado, virtual, um computador de Babel: o próprio ciberespaço. (p.47).

O *boom* das mídias de informação a que se seguiu o advento do ciberespaço está relacionado, como propõe Harvey (2008), com a nova conjuntura econômica e social de um mundo globalizado. Sob essa perspectiva, mais voltada para os fatores econômicos e sociais que possibilitaram ou induziram a expansão e a consolidação desses veículos midiáticos, existem diversas e complexas relações entre mudanças tecnológicas, culturais e artísticas de um certo pós-modernismo e as novas formas de produção e consumo do capitalismo de acúmulo flexível, a partir dos anos 1970.

A superação de um modelo de produção fordista, que nesse período mostrava sinais de crise, e a conseqüente passagem para a lógica da acumulação flexível esteve centrada na busca por uma aceleração do capital de giro – sendo este definido por Harvey (2008) como uma associação entre o tempo de produção e o tempo de circulação da troca, ou seja, o tempo de recuperação do capital posto em circulação. Os esforços para aumentar o lucro por meio da redução dos tempos de giro, através de modificações organizacionais e novas tecnologias de produção, incluíram “uma passagem do consumo de bens para o consumo de serviços – não apenas serviços pessoais, comerciais, educacionais e de saúde, como também de diversão, de espetáculos, eventos e distrações” (HARVEY, 2008, p.258), devido à sua natureza mais efêmera. Nesse contexto, fica claro que a potencialidade das mídias em oferecer esses serviços, intensificar a volatilidade de modas/tendências de consumo e ainda dar suporte a uma organização produtiva globalizada e desfragmentada seria largamente explorada. Entende-se, portanto, que a difusão e a intensificação do uso das mídias de informação, bem como a emergência de novos meios estiveram desde o princípio arraigadas à consolidação da nova estrutura socioeconômica do mundo globalizado.

Analisando as reflexões de Harvey (2008) sobre os impactos sociais dessas mudanças, ainda na década de 1970, encontramos as raízes de uma sociedade atrelada à descartabilidade, à obsolescência, à efemeridade e à rapidez, desde antes da difusão do computador pessoal e do desenvolvimento de uma cibercultura. A essas modificações na percepção de tempo e espaço, decorrentes da instantaneidade e simultaneidade de um mundo conectado por redes virtuais, Harvey (2008) dá o nome de “compressão do espaço-tempo”, definida pelos “processos que revolucionam as qualidades objetivas do espaço e do tempo a ponto de nos forçarem a alterar, às vezes radicalmente, o modo como representamos o mundo para nós mesmos” (p.219).

Em sua postura menos alarmista, para não dizer mais entusiasta, Lévy (2011) direciona sua análise especialmente para as potencialidades do ciberespaço, entre as quais se incluem a inteligência coletiva, as novas possibilidades de produção cultural, de relações sociais etc. Apesar de não negar o desprendimento do aqui e agora ou a

“não-presença” como sendo uma das principais modalidades do virtual, diz que o conhecimento, a memória, a imaginação, a linguagem etc. nos induziram a abandonar a presença física muito antes do advento das redes digitais. Dessa forma, para o autor, a ausência de um espaço não implicaria a dissolução da existência, tampouco seria o ciberespaço o grande e único precursor dessa desconexão entre consciência e corpo.

Um contraponto importante à visão de Pierre Lévy nos é oferecido pela filósofa Marilena Chauí, em palestra dada para o programa de TV *Café Filosófico*, em 2010, sob o título “Espaço, tempo e o mundo virtual”. Na ocasião, Chauí (2010) baseou-se essencialmente na filosofia de Merleau-Ponty para traçar um panorama sobre a espacialidade e a temporalidade do corpo em face do mundo virtual. Para Chauí (2010), ao contrário do que a obra de Pierre Lévy dá a entender, o ciberespaço não é anódino ou passivo, tampouco sua virtualidade pode ser equiparada àquela da linguagem, por exemplo, uma vez que, para além do simulacro baudrillardiano das mídias tradicionais, o ciberespaço de fato cria um novo mundo, de caráter imersivo, paralelo ou quiçá substituto do mundo real. Tal poder – o de criar novos mundos e novas realidades –, seria, em épocas passadas, atribuído a divindades, não devendo ser, portanto, menosprezado.

Como se pode perceber, a abolição do tempo e do espaço, bem como a privação da experiência corporal no plano físico são discussões recorrentes entre os pensadores do mundo virtual, das mídias, do ciberespaço e da cibercultura, desde os mais otimistas até os mais alarmados. Os meios contemporâneos de diálogo entre corpo e espaço material – diálogo esse que o ciberespaço torna mais rarefeito e mais complexo –, introduzem na arquitetura e no urbanismo reflexões inéditas e desafiadoras, sobretudo tendo em vista o pensamento fenomenológico que atua ainda hoje sobre a disciplina e que aponta para uma direção contrária à da virtualização: a valorização da experiência corporal e sensível com o lugar enquanto necessidade existencial humana básica e enquanto função mor da arquitetura e da cidade.

Conclusões

Nesse contexto de inquietações, geradas a partir do conflito entre duas temáticas que se chocam, surgem reflexões acerca da real potencialidade, em termos de experiência existencial, da arquitetura multissensorial proposta por uma corrente fenomenológica em um panorama marcado pela virtualização do corpo através do avanço do ciberespaço. Se, por um lado, a relevância social da arquitetura enquanto mediadora de experiências humanas ameaça desvanecer sob a ação de virtualização das tecnologias cibernéticas, por outro lado, em um prognóstico mais positivo, a arquitetura – com destaque para aquela de caráter fenomenológico, sensível e etéreo – poderá assumir o papel de amenizar a ação desterritorializante e dessensibilizante do ciberespaço, de promover a sociabilidade através da criação de espaços que a estimulem e de transpor o paradigma de hegemonia da visão intensificado pelo consumo de informação dos veículos de mídia.

Nesse sentido, para contornar o status de meros receptores de informação inertes e passivos, Holl (2011) defende um posicionamento firme enquanto “ativistas da consciência” (p. 02), buscando avançar em direção a verdadeiras experiências existenciais que, embora simples e ocultas no cotidiano, sejam de fato enriquecedoras.

La arquitectura tiene el poder de inspirar y transformar nuestra existencia del día a día. El acto cotidiano de agarrar el pomo de una puerta y abrirla hacia una estancia bañada por la luz puede convertirse en un acto profundo si lo experimentamos con una conciencia

sensibilizada. Ver y sentir estas cualidades físicas significa devenir el sujeto de los sentidos. (HOLL, 2011, p.02).³

Para Holl (2011), a arquitetura, mais ainda do que outros meios artísticos, tem grande potencial de equilibrar essas tensões, uma vez que lida com um espaço tridimensional onde luz e sombra, transparência, texturas, cores e percepção da passagem do tempo atuam simultaneamente para conformar a experiência arquitetônica. Essa complexidade de sensações que evoca da arquitetura encontra, em outras artes, limitações específicas que lhe são inerentes, pois, embora tenham suas potencialidades próprias (a exemplo da potência emocional da fotografia e do cinema), é através da experiência da arquitetura que se acionam simultaneamente todas as capacidades perceptivas do indivíduo (HOLL, 2011).

A dialética da fenomenologia da arquitetura na era do ciberespaço direciona a discussão para dois aspectos distintos (porém correlacionados e interdependentes) da disciplina. Por um lado, tem-se os efeitos do mundo virtual sobre a prática, o ensino, a crítica e o pensamento arquitetônico; por outro, tem-se as novas relações do usuário com a arquitetura em tempos de conexões cibernéticas. Logo, uma reflexão crítica sobre as potencialidades e os problemas da arquitetura e do urbanismo atuais que se restrinja ao fazer arquitetônico e que não abranja aspectos sociais mais amplos, que não esteja em consonância com os debates de outras áreas do conhecimento tende a ser simplista e, muito provavelmente, falha, pois foca apenas nos aspectos intrínsecos à arquitetura, sem considerar o indivíduo que interage com os espaços construídos e sobre o qual atuam forças diversas e complexas.

Não se pode deixar de atentar para o fato de que a criação de imagens e signos hiper-reais na cibercultura afeta diretamente a experiência com os lugares no plano da realidade. A idealização de sensações, de sentimentos (como a própria felicidade) e de lugares, transformando-os em produtos e sonhos de consumo praticamente inalcançáveis, é promovida pela propaganda imagética e reforçada profundamente pelo “convívio” na vida virtual das redes sociais, onde é necessário dar manutenção constante a uma hiper-realidade de si mesmo. Dessa forma, a experiência corporal e existencial no mundo é por vezes deturpada, reduzida a fotografias manipuladas e transformada em mercadoria para o consumo. Como consequência, as experiências positivas significativas na vida do indivíduo precisam passar pelo registro e pelo compartilhamento virtual para serem validadas e legitimadas; talvez, ainda, seja possível supor que a busca por experiências reais esteja se reduzindo a uma busca por conteúdo para o ciberespaço. Uma forma complexa de virtualização das relações humanas, escravizando-as à lógica do ciberespaço e minando a “consciência sensibilizada” defendida por Holl (2011).

Ao problematizar o mundo virtual e tecnológico enquanto propulsor da hegemonia da visão – uma vez que esta é o sentido que se adapta mais facilmente à instantaneidade e efemeridade de uma era tecnológica imagética, e que também está mais próximo da desconexão e do distanciamento inerentes ao mundo virtual –, Pallasmaa (2011) prepara o terreno para inquietações que em arquitetura ainda estão por ser esclarecidas. A recente revolução tecnológica que desenvolveu o ciberespaço afetou também a prática e o ensino da disciplina, sob muitos aspectos de forma positiva, é claro, propiciando novas formas computadorizadas de representação, de planejamento e de compreensão do projeto nas mais variadas escalas, possibilitando novas formas

³ A arquitetura tem o poder de inspirar e transformar nossa existência do dia-a-dia. O ato cotidiano de segurar a maçaneta de uma porta e abri-la para um local banhado de luz pode se converter em um ato profundo se o experienciarmos com uma consciência sensibilizada. Ver e sentir essas qualidades físicas significa tornar-se o sujeito dos sentidos (HOLL, 2011, p.02). [Tradução do autor deste].

de trabalho colaborativo etc. Por outro lado, esses novos métodos e ferramentas parecem, muitas vezes, intensificar a obsessão por aspectos puramente visuais e/ou técnicos da arquitetura, dificultando ainda mais a apreensão da sua essência fenomenológica, multissensorial e existencial e criando uma nuvem de fumaça por detrás da qual a discussão sobre as questões mais humanas da arquitetura parece perder a importância.

De todo modo, a crítica fenomenológica que se vê atualmente renovada precisa, para surtir efeitos concretos, ganhar mais espaço no âmbito acadêmico, estabelecendo novos paradigmas de ensino que permitam uma ampliação do espectro que, atualmente, está muito limitado à adoção de métodos e ferramentas puramente visuais. Talvez, então, a fenomenologia possa contribuir, em tempos de relações cibernéticas, para a ascensão (ou resgate) de outra forma de pensar e fazer a arquitetura, mais sensível e atenta a questões humanas, estimulante da sociabilidade e promotora de experiências corporais verdadeiramente ricas. Uma face da arquitetura que precisará, ainda, vencer a barreira de uma lógica mercadológica à qual o ocularcentrismo e o pragmatismo puro servem, e para a qual a arquitetura é um mero produto, governada mais pelas regras do capital do que por questões existenciais, artísticas, culturais e sociais a ela inerentes.

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, J. *Simulacros e Simulação*. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BELLO, A. A. *Introdução à Fenomenologia*. Bauru: Edusc, 2006.

CHAUÍ, M. *Espaço, tempo e o mundo virtual*. Café Filosófico. São Paulo, TV Cultura, 2 de setembro de 2010. Programa de TV. Disponível em <<http://www.institutocpfl.org.br/play/tv-espaco-tempo-e-mundo-virtual-marilena-chauil/>>. Acesso em 18 fev. 2018.

DARTIGUES, A. *O que é a fenomenologia?* Tradução de J.G. de Almeida José Maria. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1992.

HARVEY, D. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HOLL, S. *Cuestiones de percepción: fenomenología de la arquitectura*, Barcelona, 2011.

JACQUET, B. The State of Architectural Phenomenology. *Environmental & Architectural Phenomenology*, v. 23, p. 07-10, 2012.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1999.

PALLASMAA, J. *Os Olhos da Pele: A Arquitetura e os Sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PÉREZ-GÓMEZ, A. *Architecture and the Crisis of Modern Science*. 2. ed. Cambridge,

MA e Londres: MIT Press, 1984.

SCARSO, D. História e Percepção: notas sobre arquitetura e fenomenologia. *Revista Filos*, v. 28, p. 1049-1068, 2016.

SEAMSON, D. Whither "Architectural Phenomenology"? *Environmental & Architectural Phenomenology*, v. 23, p. 03-07, 2012.

SENNETT, R. *Carne e Pedra*. Rio de Janeiro: Record, 2003.